

CAPÍTULO 1

IMAGENS ARQUETÍPICAS NUMINOSAS DE UMA MULHER EM METANOIA: DIÁLOGOS ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS POR UM CAMINHO AUTOETNOGRÁFICO COM O JOGO SÍMBOLOS DO INCONSCIENTE

Clarissa De Franco

Psicóloga, pesquisadora e professora doutora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Psicóloga junguiana, Doutora em Psicologia e em Ciências da Religião com Pós-Doutorado em Estudos de Gênero, em Ciências Humanas e também em Psicologia Clínica (Junguiana). Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora NETMAL. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Junguianas da Metodista. Psicóloga concursada atuando com Políticas Afirmativas e Direitos Humanos na Universidade Federal do ABC. Professora do Instituto Freedom. Professora da Uniaberta. Trabalho clínico com foco em análise de sonhos e com aplicação do jogo Símbolos do Inconsciente, criado pela autora. Astróloga, taróloga, escritora de diversos artigos e livros, com colaboração com canais de autoconhecimento, como Personare. Linhas de pesquisa: Psicologia Analítica e Gênero; Psicologia Analítica e Interpretação de sonhos; Alquimia e Psicologia Analítica; Religião, Gênero e Direitos Humanos; Psicologia, Morte e Espiritualidade.



RESUMO: O artigo promove articulações teóricas entre a Psicologia Analítica e as epistemologias feministas, a partir de um processo metodológico autoetnográfico, que explora aspectos do desenvolvimento espiritual da própria autora, diante da vivência da metanoia, etapa da meia-idade em diante. O artigo utiliza como instrumento de pesquisa o jogo junguiano Símbolos do Inconsciente, criado pela própria autora, observando imagens arquetípicas da autora

ligadas à dimensão espiritual e religiosa. Nas exposições, argumenta-se que muitas das propostas e princípios metodológicos da abordagem junguiana, que se baseiam na linguagem da imaginação e exaltam o aspecto do numinoso na psique (dimensão religiosa, espiritual e transcendente que desperta uma realidade desconhecida subjacente a todas as coisas), conduzem a perspectivas convergentes com as epistemologias feministas, como: valorização da sensibilidade e dos afetos como método científico, proposta autoetnográfica (investigar a si mesma, suas próprias experiências e vivências emocionais e deduzir conceitos e formulações a partir desse movimento) e noção de complementaridade no lugar de dicotomias.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Analítica; epistemologias feministas; autoetnografia; Símbolos do Inconsciente; desenvolvimento espiritual.

1 | INTRODUÇÃO

Primeiramente gostaria de agradecer à Milena Kapp Sedor, cujo trabalho de mestrado em Psicologia (2024), inspirou parte de minhas costuras neste texto. Fica o convite para, em uma próxima oportunidade, estreitarmos a relação e as possibilidades de produções em parcerias.

Início este texto com uma prática epistemológica feminista: a de situar nossa relação com o campo de estudo. Não sei quantas vezes me apresentei nessa vida. Cada vez, possivelmente, de uma maneira distinta da anterior e da próxima. Mais importante para este texto do que saber que há muitas Clarissas e quem são cada uma delas ou elas em conjunto, é saber que a Clarissa que vos fala é a que tem sido impactada por um contexto que costumamos chamar de metanoia, ou do Dicionário (Dicio, 2020, s.p):

Significado de Metanoia (substantivo feminino). Mudança, transformação de caráter ou na maneira de pensar. Mudança que resulta ou é motivada por algum tipo de arrependimento. Remorso por alguma falha; penitência. Modificação espiritual; conversão. Modo novo de conceber ideias, de se comportar, de enxergar a vida e a realidade. Do grego metánoia. “mudança de sentimentos”.

Sim, estou em reforma. Mas não para melhor atender ninguém, senão a mim mesma. Para a Psicologia Analítica, a metanoia refere-se à parábola de “descida” da vida (Jung, 2013a), em que o ego, como centro da consciência, perde lugar no protagonismo de nossa psique para o Self, arquétipo da totalidade da psique e também uma instância inconsciente, conectada ao desenvolvimento espiritual de nosso ser. O ego, então, que teima em controlar nossas ações e projetar-nos para um mundo de palco e palmas, passa a estar a serviço do self, sem rédeas, guiando-se pela escuridão da descida.

Na meia-idade, segundo Jung (2013a, p. 778) “o Sol começa a declinar e este declínio significa uma inversão de todos os valores e ideias cultivados durante a manhã (...) A luz e o calor diminuem e por fim se extinguem”. Neste momento da vida, “só aquele (ou aquela)¹ que se dispõe(m) a morrer conserva a vitalidade, porque, na hora secreta do

¹ Inserção nossa (e aquela).

meio-dia, se inverte a parábola e nasce a morte” (p. 800). Para ele, “a segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas morte, porque o seu alvo é o seu término” (p. 800). Não aceitar esse fato é como recusar-se ao chamado da vida, abrindo mão da vida possível e vivível naquele momento.

Inseguranças, perdas, instabilidade identitária, questionamentos e crises existenciais são típicas desta fase. Marie Louise Von Franz (2021), ao descrever o caminho de interpretação de sonhos de um paciente que também era terapeuta e tinha quarenta anos, apontou as vulnerabilidades que ele sentia sendo um analista “jovem”, como se seu caminho profissional estivesse começando. Dizem que a vida começa, afinal, depois dos quarenta.

Neste momento que posso chamar de recolhimento crepuscular em minha vida, descobri-me consciente do que desde sempre esteve ali como semente, como um retorno ao início de mim mesma, que permitiu ser levado para longe nas marés cotidianas. O “empurrão metanoico” que o inconsciente promove para a consciência se expandir em meio às reviravoltas de roteiros de vida, conduz a este reencontro com pedaços nossos que deixamos para trás, em benefício de qualquer pessoa ou situação que não a gente mesma. Olho para meu quintal, revisando minhas práticas, falas e escolhas e refletindo sobre a quais senhores têm servido meus (nossos) suores formatados.

A proposta contém certa dose de ousadia, já que costura elementos de ordem pessoal, com algumas escolhas teóricas e metodológicas em articulação entre epistemologias feministas e Psicologia Analítica. Particularmente, quatro pontos serão destacados nas articulações aqui apresentadas: 1) a proposta autoetnográfica e a valorização dos afetos como proposta científica, algo que perpassa tanto as epistemologias feministas quanto a Psicologia Analítica; 2) a noção de complementaridade e integração no lugar de dicotomias e binarismos; 3) a dimensão do numinoso na psique (dimensão religiosa, espiritual e transcendente que desperta uma realidade desconhecida subjacente a todas as coisas), e 4) a pesquisa autoetnográfica sobre as imagens arquetípicas numinosas da autora no período recente, início da metanoia.

2 | AUTOETNOGRAFIA E ESCRITA AFETIVA: ENCONTRO DAS CRÍTICAS DE EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS AO FAZER CIENTÍFICO COM ASPECTOS DO FAZER CIÊNCIA EM PSICOLOGIA ANALÍTICA

A etnografia tradicional foi proposta e descrita por Malinowski (1976). Já a autoetnografia é uma abordagem qualitativa “que busca analisar experiências pessoais para entender fenômenos culturais, utilizando princípios da autobiografia e da etnografia” (Aila Nunes, 2019, p.16). A autoetnografia se desenvolve a partir da narrativa pessoal da pesquisadora, para expandir seus significados a problemáticas sociais. É uma abordagem que permite “sentir os dilemas morais e pensar junto com a história ao invés de pensar sobre ela” (Aila Nunes, 2019, p.16).

Na autoetnografia, a autora ou autor se fazem presentes na construção do objeto de pesquisa, sendo, ao mesmo tempo sujeitas/os/es e objetos. Não há objeto sem a participação da subjetividade de quem olha, sente e dá significado a ele, já que o objeto é transformado e criado a partir da subjetividade da pessoa que pesquisa. Mais do que isso, na autoetnografia, escreve-se a partir de si, integrando pesquisadora, observadora, participante e objeto, apresentando conexões significativas entre fenômenos humanos que reverberam na subjetividade psíquica de um indivíduo ao mesmo tempo que impacta a coletividade. Ao expor a si mesma/o, suas vulnerabilidades e as imagens que conectam pesquisadora e objeto, “cria-se a alma do objeto”, parafraseando o psicólogo junguiano James Hillman, que indica que o ato de criação da consciência se dá a partir do “atravessamento” psíquico e emocional destas imagens que falam à psique.

A pesquisadora Milena Kapp Sedor (2024, p. 57) indica que:

ao implicar um texto que compartilha experiências e afetos mobilizados no próprio corpo daquele (ou daquela) que escreve, a pesquisa autoetnográfica com frequência nasce do imprevisto, ou seja, de situações que acometem o/a pesquisador/a para além de seu desejo a mobilizá-lo tão profundamente que impulsionam-no, aí sim, a escolher pela centralidade/inevitabilidade dessa escrita, a construir no diálogo com essa tortuosa terapêutica, a documentação/exploração científica de determinado fenômeno sensível.

A autoetnografia acompanha uma postura central das epistemologias feministas. As críticas epistemológicas centrais do feminismo ao fazer científico, e que, sob expressivos esforços, têm adentrado os muros da(s) ciência(s) – ainda que de maneira quase que paralela às epistemologias tradicionais, sem um diálogo de duas ou mais vias –, foram pautadas principalmente em desvelar e combater ideais de produção de conhecimento e de identidade científica ancorados em pressupostos como: neutralidade, objetividade, universalidade, distanciamento entre sujeita/o e objeto e pesquisadoras/es e pesquisadas/os/es, busca pela verdade como fundamento único, palpável e último, pressupostos tais que são comumente associados a um modelo patriarcal de ciência.

Pesquisadoras como Rae Langton (2000), Helen Longino (2001), Diana Maffía (2008), Donna Haraway (1995), entre outras, apontam que as concepções ideais de conhecimento e ciência envolvem “perigos” ligados aos pressupostos de neutralidade, distanciamento entre sujeito e objeto, objetividade. Nestes ideais, há escolhas e produções de sujeitos e visões de mundo que levam a justificar as exclusões.

Haraway (1995) lembra que a distância entre sujeitos e objetos serve para desagenciar os objetos, aqueles e aquelas a quem se estuda, e, com isso, dar poder aos sujeitos protegidos em seus laboratórios, computadores e *papers*. Desse modo, tornam-se passivos os objetos estudados, retirando de si sua autonomia, voz, identidade e conhecimento sobre si mesmos. Desloca-se o locus de saber, já que a pessoa participante da pesquisa vê sua história contada por outra pessoa. Uma violência epistêmica. A autora (Haraway, 1995) propõe como alternativa metodológica e epistemológica, estabelecer

relações com os objetos a partir da localização de saberes, uma forma de objetividade parcial e situada, que não cai no relativismo radical que nega qualquer possibilidade de acesso a fatos concretos, tampouco se apega ao conceito de uma objetividade empírica adaptada ao feminismo, como seria, segundo Haraway, a proposta de “empiricismo feminista” de Sandra Harding (1986).

A objetividade parcial e corporificada dos conhecimentos situados de Haraway (1995) considera tensões, contradições e ressonâncias. Tem a responsabilidade de trazer visibilidade ao lugar de onde falam sujeitas e sujeitos, não como um lugar de fala estanque (“vim daqui”), e sim, como uma honestidade de partilhar com leitoras/es as transformações que afetaram o processo de construção da pesquisa e das relações na produção de conhecimento, ciente das problemáticas e tensões que envolvem as escolhas de pesquisa.

Hellen Longino (2001, p. 217) complementa, afirmando compreender a ciência “mais como prática que conteúdo, mais como processo que produto”, indicando, portanto, que o fazer científico e sua lógica estão para muito além dos objetos que investiga, derramando-se expressivamente nas relações estabelecidas com estes objetos, os/as sujeitos/as produtores/as do conhecimento e a disseminação do conteúdo produzido.

Retomando Haraway (1995, p. 29), ela aponta que “a responsabilidade feminista requer um conhecimento afinado à ressonância, não a dicotomias”. E conclui: “o feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, (...) do gaguejar e do parcialmente compreendido. O feminismo tem a ver com as ciências dos sujeitos múltiplos(...), consequente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero” (Haraway, 1995, p. 31). Nesse sentido, a ciência também tornou-se um espaço de reivindicação feminista visando, não apenas à equiparação de oportunidades de lugares de fala e à reparação de situações de exclusão e de invisibilidade das mulheres e de grupos minoritários de gênero como os LGBTs; mas também à reconstituição e, sobretudo, à desconstrução de lógicas internas do próprio fazer científico e de seus pressupostos.

Portanto, a produção científica feminista passa por escolhas políticas incontornáveis, das quais pesquisadoras não podemos nos esquivar, sem o ônus da ingenuidade ou intencionalidade dirigida à manutenção destes sistemas de poder. A ciência que passa pela crivagem do gênero é uma ciência na qual o distanciamento comumente associado às perspectivas da neutralidade e objetividade torna-se uma armadilha metodológica. Nesse caminho, a autoetnografia encontra-se com reivindicações fundamentais para as epistemologias feministas, assim como também são os caminhos e pressupostos da Psicologia Analítica, conforme demonstraremos a seguir.

A Psicologia Analítica ou junguiana foi construída a partir de exercícios que podem ser considerados próximos de muitas das perspectivas subversivas que as epistemologias feministas propõem (Milena Sedor, 2024). Podemos dizer que algumas das principais obras de Carl Gustav Jung, como Memórias, Sonhos e Reflexões (1995) e o Livro Vermelho (2009), entre outras, constituíram-se como exercícios autoetnográficos, em que o autor

explorou a si mesmo a sua psique enquanto desenvolveu sua teoria, fazendo de sua alma o locus central da criação de um campo científico.

A abordagem junguiana sofre com o estigma de não científica. Em relação a tais visões, Jung poderia esclarecer por meio de seus textos, indicando que: “não se trata de uma mera evolução de teorias e práticas anteriores, mas muito mais de uma renúncia total a elas, em favor da atitude menos preconcebida possível” (Carl Jung, 2013a, p.18). Ou, em suas palavras, o que faz dele alguém que goza do mérito de “ser um inconsciente que se realizou” (Carl Jung, 2016b).

Característica de seu ímpeto como pesquisador autoetnográfico, Jung indicou: “é por necessidade que escrevo minhas primeiras lembranças. Se eu me abstendo um só dia, tenho indisposições físicas. No momento em que trabalho minhas memórias, as indisposições desaparecem e meu espírito se torna lúcido” (Carl Jung, 1995, contracapa).

A perspectiva de que temos imagens e símbolos arcaicos em nossa psique começou a se desenhar ainda na infância e juventude de Jung, quando ele mantinha escondida uma imagem esculpida e pintada por ele de um “homenzinho” talhado em madeira. Tal homenzinho, segundo ele, produzia nele uma “prazerosa segurança” em situações difíceis (p. 33), em suas palavras: “quando fazia algo errado, quando minha sensibilidade era ferida, ou quando a irascibilidade de meu pai e a saúde precária de minha mãe me oprimiam” (p. 33). Esse episódio forneceu princípios que mais tarde foram consolidados como uma grande teoria científica: o conceito de inconsciente coletivo (Carl Jung, 2000).

Como vemos, os escritos de Jung eram bastante viscerais e afetivos, ao encontro das propostas feministas. Em uma de suas passagens, explica o rompimento com Freud a partir de dois sonhos. Em ambos, aparecia uma figura masculina que se revelava não real, um fantasma ou espírito de alguém morto, no primeiro, o fiscal de uma alfândega e no segundo, um cavaleiro medieval (Carl Jung, 1995, p. 146-148).

Aila Nunes (2019) indica que justamente por ser a autoetnografia uma metodologia que estabelece sua principal fonte de dados na autoria, tal estratégia evitaria a exposição de outras/os participantes aos riscos de um estudo científico, apresentando-se como uma alternativa para explorar temas sensíveis emocionalmente. A autoetnografia expõe nossas vulnerabilidades, ambiguidades e contradições, representando um desafio a quem o sustenta e ao mesmo tempo um caminho epistemológico corajoso, com a potência de conduzir seus pares a vivenciarem descobertas a partir de seus próprios sentidos e afetos.

Milena Kapp Sedor (2024, p. 55) indica que

a autoetnografia estruturalmente faz-se bagunceira frente às normas, tensionando tanto o ortográfico/sintático, como as próprias formas/formatações acadêmicas. (...) Vale intuir, todavia, que ela o faz não a toa ou sem razão de ser, mas justamente, como pondera Raimoni (2020, p.10) “por se propor a construir um conhecimento visceral, que também valoriza e (re) constrói teoria e prática.

Podemos comparar tais exercícios autoetnográficos com o conceito feminista de objetividade situada (Haraway, 1995). A objetividade parcial e corporificada ou situada envolve uma postura política de revisão de pressupostos epistemológicos e metodológicos, que envolvem noções de distanciamento e neutralidade, consideradas por muitas feministas, como Helen Longino (2001), Diana Maffia (2008) e Donna Haraway (1995), não somente falaciosas, mas também um reforço a posturas patriarcas em ciência. Lembramos que a neutralidade em geral é um traço do machismo estrutural científico, pois invisibiliza as produções de mulheres. O neutro é, na verdade, masculino.

Portanto, articular história de vida da pessoa pesquisadora com o objeto de estudo e de pesquisa, situa publicamente seu lugar de fala e de vínculo com relação ao que produz, tornando-se, ao contrário do que a ciência tradicional indica, um ponto forte da sua produção. No sentido aqui exposto, do caminho autoetnográfico, tanto a escrita feminista quanto a escrita junguiana apresentam-se como vulneráveis, já que traduzem realidades emocionais.

No caso da Psicologia Analítica, observa-se que utilizar as referências da própria biografia de Jung, trazendo diversos sonhos e conteúdos pessoais explorados pelo autor em seus livros, foram uma forma de construção de um caminho afetivo-empirista argumentativo que se consolidou como um vasto repertório de teorias, métodos e técnicas.

3 I NOÇÕES DE COMPLEMENTARIDADE E INTEGRAÇÃO NO LUGAR DE DICOTOMIAS E BINARISMOS

Em Memórias, Sonhos e Reflexões (1995), Jung definiu-se como alguém “no entre” duas personalidades, sendo a Personalidade 1 ligada ao espírito científico médico de sua época – pragmática, cética, racional, lógica – e a Personalidade 2 associada com as religiões herméticas, o ocultismo e os sonhos: intuitiva, afetiva.

Essa ambiguidade entre estes polos das duas personalidades aparece em vários momentos de sua obra e pode ter fornecido as bases para um conceito central da Psicologia Analítica: a de que a psique se desenvolve por meio de pares complementares, que seriam energias consideradas como polos ou opostos complementares. Este ponto de sua teoria foi muito questionado em estudos de gênero, que chamam atenção para a produção discursiva e normativa de dicotomias e binarismos, nas quais a pluralidade e as nuances de subjetividade se perdem. De maneira equivocada, a teoria junguiana foi enquadrada inicialmente como um campo que reforça os binarismos de gênero, já que os conceitos de animus e anima (que produzem imagens arquetípicas masculinas e femininas na psique humana), muitas vezes são compreendidos como dicotômicos.

Antes de apresentarmos um contraponto a essa visão, vamos à compreensão do debate sobre os binarismos de gênero dentro do campo científico. A pesquisadora de gênero Diana Maffia (2018, p. 2) lista as duas colunas abaixo, indicando que uma coluna está associada a características atribuídas socialmente ao feminino e outra ao masculino.

OBJETIVO	SUBJETIVO
UNIVERSAL	PARTICULAR
RACIONAL	EMOCIONAL
ABSTRACTO	CONCRETO
PÚBLICO	PRIVADO
HECHOS	VALORES
MENTE	CUERPO
LITERAL	METAFÓRICO

Maffia, Diana (2018, p. 2)

Não é preciso um exercício exaustivo para reconhecer com qual coluna feminino e masculino são socialmente associados. Há, nesse tipo de pensamento dicotômico, toda uma lógica de oposição e mútua exclusão, como se nada mais houvesse fora do binarismo apontado e como se ambas as características apresentadas como polaridades não estivessem parcialmente contidas umas nas outras. Nossa “atitude natural”² (Suzane Kessler; Wendy Mackenna, 1978) diante destas questões é aceitar quase que automaticamente que homens seriam mais objetivos e racionais e as mulheres mais emotivas, intuitivas e menos lineares.

A ciência moderna, comumente identificada com os atributos visualizados na coluna esquerda acima, constitui-se como um pilar de autoridade do saber, que atribui poder epistêmico àquelas/es que se identificam e são socialmente identificadas/os com a sua lógica. Nesse sentido, o que foge a esta lógica é excluído da ciência por um atestado tácito de falta de credibilidade. As mulheres têm ocupado este lugar de invisibilidade, exclusão e desautorização epistêmica. O constructo acerca do ser mulher envolve uma “contaminação” emocional, que leva a uma subjetividade desaconselhada para a ciência “séria”.

Fortes contribuições são oriundas dos estudos pós-coloniais e mostram como a desigualdade, marginalização e hierarquização de grupos ocorrem em diversas instâncias, inclusive na linguagem. Não é por acaso que a pesquisadora pós-colonialista Gayatri Spivak (2010) aponta a violência epistêmica sofrida pelos povos subalternos e colonizados, em especial as mulheres. “A mulher, como subalterna, não pode falar, e quando tenta fazê-lo, não encontra os meios para se fazer ouvir” (Spivak, 2010, p.15).

Numa evidente e árdua tarefa de desconstrução e crítica aos princípios que sustentam esta lógica científica e epistemológica, diversas investigadoras têm trabalhado. A pesquisadora de filosofia Rae Langton (2000) aponta algumas formas de exclusão das mulheres no campo da produção do conhecimento. Dentre elas, está o cenário de que as mulheres seriam percebidas como um “objeto misterioso”, difícil de ser acessado, com uma complexidade atrelada ao universo emocional e subjetivo. Ela complementa indicando que “quando filósofos definem seres humanos como animais racionais, (...) assumem que as mulheres estão fora”³ (Langton, 2000, p. 130).

2 O conceito de “atitude natural” vem da Fenomenologia e do pesquisador Edmund Husserl (1931), que descreve axiomas inquestionáveis que perpassam a vivência de um grupo sobre determinados temas, como se tais pressupostos já fossem dados universais da realidade, sem relação direta com existências particulares. As atitudes naturais de gênero foram assinaladas pelas pesquisadoras Kessler e Mckenna, 1978.

3 Tradução nossa.

Esta forma de exclusão das mulheres acaba por culpabilizá-las por serem uma “terra incógnita”, e jamais responsabilizar aqueles que têm dificuldades ou que necessitariam revisar seus métodos para conhecer modos plurais de subjetividades. Além disso, Langton (2000) considera que o processo educacional cria lacunas de participação e produção cognitiva das mulheres em diversos âmbitos, como o linguístico e científico, retirando-lhes a autoridade subjetiva de “saber que sabem”, confiar em seu próprio repertório de conhecimento e se verem reconhecidas, com uma credibilidade social. Nesse sentido, ela aponta que tanto no lugar de sujeitas como de objetos de conhecimento, as mulheres têm sido excluídas, mesmo que parcialmente, ou, quando dentro, estão submetidas à lógica dominante do fazer científico.

A identificação social das mulheres com seus corpos, fruto de processos como a objetificação, também afetam sua relação com a ciência e com a produção de conhecimento, uma vez que dentre as dicotomias apontadas por Maffía (2018), os corpos, em um dualismo cartesiano, seriam situados como opostos ao universo mental. E são as mentes que têm interessado à ciência por séculos, que retira dos corpos uma autoridade epistêmica, criando novos dualismos. Nesse sentido, as mulheres levariam suas opiniões para as pesquisas, enquanto os homens (como ideal de masculinidade, não homens em si) levariam seus argumentos e fundamentos, gozando de respeitabilidade.

Os binarismos de gênero, para os quais várias autoras e autores chamam atenção (Judith Butler, 2001; 2003, Londa Schienbinger, 2001; Diana Maffía, 2008) sustentam exclusões, invisibilizações e violências de gênero, na medida em que estabelecem artificialmente definições estáticas, pré-concebidas, fixas que tendem a naturalizar padrões, discursos e comportamentos ligados ao gênero e estabelecem hierarquias e desigualdades nas relações de gênero.

As revisões epistemológicas da Psicologia Analítica têm indicado que essa teoria está, ao contrário do que se supõe, afinada com as proposições críticas aos binarismos de gênero, já que postula uma psique androgina e uma “subversão das polaridades de gênero” (Clarissa Franco, Flor Maranhão, 2019, p. 130). Conforme apontamos em artigo anterior (Franco, Maranhão, 2019), a visão da Psicologia Analítica foca-se nas perspectivas de complementaridade e não de dicotomia.

Com a proposta de Jung de integração, união, fusão, conciliação de opostos (*coincidentia oppositorum*), baseada em uma dimensão mítica de busca pela totalidade e integralidade perdidas, os conceitos de *animus* e *anima* ganham uma perspectiva que foge do dualismo binário e caminha para a androginia. (Franco, Maranhão, 2019, p. 141).

Jung estudou filosofia oriental, alquimia, princípios herméticos, astrologia, mitologia, e muitas outras fontes. A concepção de energias complementares em sua teoria baseia-se na perspectiva oriental de que a diferença é parte do todo, de que o todo é composto por partes que se complementam e se integram entre si. Em resumo, a lógica oriental privilegia

o “e” (um e outro em conjunto, formando o todo), enquanto a lógica ocidental prioriza o “ou” (um ou outro, em que consequentemente existe a exclusão binária de uma das partes em desvantagem de poder). Em outras palavras, o pensamento ocidental trabalha com lógicas computacionais binárias, que produzem exclusões: de um lado homens, de outro mulheres. Assim como pretos/as ou brancos/as, cisgênero ou transgênero, heterossexuais ou homossexuais, norte ou sul... Já Jung e sua dimensão de opostos complementares é herdeiro de filosofias herméticas antigas e também concepções orientais, que envolvem as noções de Yin e Yang, para as quais a complementaridade e a integração são a chave.

Vemos que tal compreensão incutida na Psicologia Analítica é presente também em movimentos do ecofeminismo, em que ser humano e natureza são um todo indissociável e que as relações de gênero, saindo da chave patriarcal, podem revelar outros arranjos de cuidado e compreensão dos ciclos corporais e ambientais (Bárbara Flores; Salvador Trevizan, 2015).

Portanto,

por mais que reconheçamos que as perspectivas iniciais de Jung apoiaram o reforço aos binarismos de gênero e podem ter dado espaço para formulações personificadas sobre o feminino e o masculino, se seguirmos profundamente seus argumentos, em especial os contidos em obras em que ele dialoga com princípios alquímicos, como *O Livro vermelho* (2002) e *Mysterium e Coniunctionis* (2012), e na obra *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, reconheceremos que Jung postula, de fato, uma psique híbrida, em que animus e anima estariam presentes como energias e representações do masculino e do feminino sem um conteúdo definido em todos os seres humanos, atuando de forma complementar no dinamismo da psique. (...) Esse caminho integrador coloca os conceitos de animus e anima como polaridades energéticas complementares na psique, que teriam como finalidade primordial a produção de uma síntese simbólica e psicológica, conhecida como Coniunctio, união alquímica, ou “casamento sagrado”. A sígia ou par de opostos é vivenciada com base na ideia de integralidade. (Clarissa Franco, Flor Maranhão, 2019, p. 141).

O destino das polaridades complementares é uma consciência híbrida que transcende as partes e integra no processo de individuação as vivências de gênero e sexualidade individualmente, cada pessoa a seu modo. Para a Psicologia junguiana, portanto, a psique andrógina é a base e, ao mesmo tempo, a meta da consciência, o que libera as vivências de gênero e sexualidade para existirem de diferentes maneiras. É preciso revisitar a teoria junguiana para aplicá-la adequadamente em relação aos arquétipos de animus e anima e da compreensão sobre o papel da polaridades na psique, que, diferentemente do que eventualmente é afirmado, não deve ser compreendido como matéria essencialista, binária e dicotômica, conforme o pensamento ocidental.

4 | O ASPECTO NUMINOSO NA TEORIA JUNGUIANA

O último trecho da fundamentação teórica antes de partirmos propriamente para as análises autoetnográficas refere-se ao aspecto numinoso, transcendente e espiritual da

psique, conforme postulado pela teoria junguiana, já que este artigo aborda as imagens arquetípicas de espiritualidade e religião de uma mulher em metanoia.

Carl Jung cresceu em uma família protestante e desde muito cedo percebeu a religião como um tema de relevância nas relações e valores humanos. Escreveu várias obras que abordaram o tema da religião de modo evidente e direto, como: Psicologia e Religião (2012), Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade (1988), O Símbolo da Transformação na Missa (1985), Resposta a Jó (1979) e Psicologia e Religião Oriental (1980).

Para esclarecer, mesmo tendo tido uma formação protestante, ele afirma: “não tomo como ponto de partida qualquer credo religioso, mas sim a psicologia do *homo religiosus*, do ser humano que considera e observa cuidadosamente certos fatos que agem sobre ele e sobre seu estado geral” (Carl Jung, 2012, p. 22).

A ideia de “observar cuidadosamente” vem do conceito de religião como *religio*, no sentido de *relegere*, ou ter uma atenção e um cuidado escrupulosos, zelosos e atentos aos ritos. (Bruno Portela, 2013). Nesse sentido, Jung irá afirmar que a religião é “um equilíbrio entre o eu e o não-eu psíquico, uma religio, ou seja, um levar em conta escrupulosamente a presença das forças inconscientes, que não podemos negligenciar sem correr perigo” (Carl Jung, 1998, p. 80).

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: “*religio*”, poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como “potências”: espíritos, demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados. (Jung, 2012, p.10)

Observamos um esforço do autor ao demonstrar a presença dos arquétipos nos símbolos religiosos (2012) e também em identificar a religião como uma característica da psique. “Qualquer que seja a natureza da religião, não resta a menor dúvida de que seu aspecto psíquico, empiricamente constatável, reside nessas manifestações do inconsciente” (Carl Jung, 1991, p. 41).

Em Psicologia e Religião Oriental (1980), Jung caracteriza o pensamento oriental como um tipo introvertido e o ocidental como um tipo extrovertido, identificando diferenças na experiência religiosa ocidental e oriental a partir desta tipologia, sendo que o ser humano ocidental seria, segundo ele: “dependente da graça de Deus (...) e da redenção sancionada por Deus” (Carl Jung, 1980, p. 18), já o Oriente tem a lógica da “autorredenção” (p.18).

Em O Livro de Jó (1979), Jung enfrenta a questão do bem e do mal, apresentando uma imagem de Javé com características reconhecidas como humanas e contraditórias, como cólera, ciúmes e excessos emocionais. No entanto, conforme indica Jung (1979,

p. 17): “(...) não é disto que trataremos nesta obra, e sim da forma pela qual uma pessoa criada e instruída no cristianismo se confronta com as trevas divinas tais como aparecem no Livro de Jó e como essas trevas agem sobre tal pessoa”.

Já em *Interpretações Psicológicas do Dogma da Trindade* (1988), Jung teceu importantes críticas ao dogma cristão da trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), reconhecendo tal padrão em outras doutrinas religiosas, como o hinduísmo (Brahma, Vishnu e Shiva), na mitologia greco-romana (Zeus, Poseidon e Hades). Para Jung (1988), o modelo da trindade não comporta de forma adequada o todo da psique, já que exclui o quarto elemento (o feminino, o mal ou a matéria), recalando-o na sombra. A quaternidade para Jung tem uma função compensatória de equilíbrio energético da psique, como no caso das quatro funções psíquicas.

De um modo geral, Jung analisou como conteúdos arquetípicos da alma embasam as mais diversas religiões. Nesse sentido, via a religiosidade como uma função inerente à psique, considerando-a um instinto, ou algo que transcende as limitações humanas. Para Jung, a psique constrói imagens religiosas, reconectam-nos à origem humana, que seria transcendente (Carl Jung, 2012).

Para abordar a dimensão numinosa da psique, Jung apoiou-se em autores da Fenomenologia da Religião, principalmente Rudolf Otto (2007) , que emprestou o termo *numen* do latim, que significa “poder divino”. Otto observou as reações afetivas das pessoas frente ao sagrado, ou numinoso, que segundo ele manifesta-se por meio do *mysterium tremendum et fascinans* (*mistério terrível ou tremendo e fascinante*).

Podemos, então, reconhecer que para Otto o numinoso refere-se a algo misterioso e desconhecido, que se faz perceber pelo “arrepiajar dos pelos”, destacando-se das experiências comuns. A ambiguidade presente em “tremendo e fascinante” mistura-se a concepções judaico-cristãs, que envolvem, ao mesmo tempo, a ideia de um Deus punitivo e severo, ao qual se deve temer, e também o fascínio de um fenômeno irracional, atraente, inexplicável e emocionalmente profundo.

O *tremendum* envolve uma manifestação ligada a medo, temor, terror, sendo aquilo que nos faz tremer diante do sagrado e sua manifestação. Segundo Otto (2007), é composto pelas dimensões de *Majestas*, relativa à majestade ou grandiosidade com qual a experiência se apresenta, trazendo-nos o sentimento de finitude diante de algo grandioso; e *Orgê*, ligado à comoção e força que ocorrem no indivíduo a partir do contato com o objeto sagrado. Embora *Orgê* seja uma energia poderosa do numinoso, também está ligado ao terror que a dimensão do *Tremendum* impõe. Já o *fascinans* (fascinante) envolve a atração que o objeto numinoso produz em nossa psique e traz as etapas de *Augustus*, que impacta o indivíduo com a sensação de santidade; e o *Sebastus* que se manifesta impondo reverência e veneração.

A perspectiva de Rudolf Otto (2007) de que o numinoso não é uma dimensão teológica, e sim da experiência fenomenológica humana, abriu caminhos para que Jung

aproximasse a noção de numinoso dos conceitos de arquétipo e de inconsciente coletivo. Jung (2012) passa, então, a compreender que existe uma série de experiências primordiais no desenvolvimento da psique, nas quais o ser humano entra em contato com um sagrado por meio das imagens arquetípicas, que provoca nele o sentimento do numinoso, similar ao *mysterium tremendum et fascinans*.

O arquétipo, sob esta perspectiva, é tremendo e fascinante, pois provoca uma revelação de símbolos e imagens que conectam o indivíduo à experiência humana como um todo, permitindo equilíbrio e integração entre polaridades psíquicas, em especial o ego (centro da consciência) e o self (centro da totalidade da psique). Tal revelação, no entanto, para Jung, não é metafísica, mas psíquica.

Ele conclui: “a experiência religiosa é expressão da existência e funcionamento do inconsciente. Não é verdade que possamos ter êxito só com a razão e a vontade. Ao contrário, estamos sempre sob efeito de forças perturbadoras que atravessam a razão e a vontade, isto é, são mais fortes do que as últimas duas (...) precisamos da religião (Carl Jung, Cartas à Piero Cogo, 21/09/1955. Cartas, v. II, 2003, p. 439).

Estas forças perturbadoras com as quais tomamos contato por meio das imagens arquetípicas promovem o sentido numinoso da experiência religiosa para a psique.

5 I O CAMINHO AUTOETNOGRÁFICO DE UMA MULHER NA METANOIA.

Agora, volto a mim e à minha autoetnografia. Passei todas as noites dos anos de 2006 até o início de 2023 chorando. Dezessete anos chorando, o que contabilizam seis mil, duzentas e nove noites, se minha matemática de anos bissextos estiver funcionando. Assim como Jung, eu “brincava” comigo mesma em relação ao meu próprio comportamento, alegando existir a Clarissa do dia: ativa e cheia das ideias, mãe, pesquisadora, terapeuta junguiana, astróloga, professora, taróloga, escritora – e a Clarissa da noite, que chorava no escuro, recorrendo ao tarô, à Astrologia, ao I Ching e às escritas de sonhos para acalmar os pensamentos repetitivos, obsessivos e dominantes, enquanto todas as demais pessoas da casa dormiam. Por metade da minha vida, acostumei-me a dormir de duas a três horas por noite, ciente dos prejuízos cognitivos e espirituais que a longo prazo tal situação poderia me trazer.

Como psicóloga, claro que busquei muitas formas de tratamento, compreensão sobre os sintomas e encaminhamentos terapêuticos múltiplos e contínuos. Recebi em um momento desafiador da vida o diagnóstico de Transtorno Bipolar do tipo 2, que não chega a ser tão grave ou causar grandes prejuízos como o tipo 1. No “meu” tipo, episódios de hipomania (euforia, agitação mental, excitação, alta produtividade, insônia) são combinados com episódios depressivos leves, como o choro com pensamentos repetitivos e negativos. Busquei auxílio em xamãs, médicas e técnicas de vários tipos: ayahuasqueiras, benzedeiras, cartomantes, psicólogas, psiquiatras, médiuns, acupunturistas, meditação,

mindfulness, conselho de mãe de santo, passe espírita, terço, mudras, yoga, mapa astral, melatonina, entre muitas outras tentativas. Coloco tais especialistas e técnicas lado a lado, porque prezo verdadeiramente pela horizontalidade entre saberes e viveres, e reconheço cada uma das “magias e suas eficácia”, sejam científicas ou de saberes tradicionais e populares. Tais magias me ajudaram a seu tempo e modo, com imagens que foram sedimentando camadas de conscientização sobre meu desenvolvimento psíquico.

Embora tenha recebido o diagnóstico há cerca de vinte anos, nunca fui de me prender a ele. Acabei vivendo, de forma a atribuir o choro da Clarissa da noite a uma experiência traumática do passado ligada ao amor e não à fase depressiva do Transtorno Bipolar. A chave interpretativa para mim era uma mescla entre argumentos psicológicos e espirituais, algo entre minha “tortice” mental e talvez carmas de outras vidas. No início da vida adulta, vivenciei acontecimentos que acabaram se tornando um peso grande de se carregar, envolvendo amores, amizades, e desencontros de muitas ordens. Foram situações marcantes, solitárias e doloridas, que nunca consegui enfrentar de forma equilibrada.

Vivi assim, por anos, em uma relação ambígua com a espiritualidade e comigo mesma, horas xingando a vida, horas agradecendo, mas em geral com uma dor que não saía da alma. Mesmo entendendo que meu funcionamento era meio torto, sendo terapeuta, sabia que a tortice era coisa humana e não uma prerrogativa da especialidade de minha pessoa.

Aos refúgios da noite, acrecentei os do dia: jogos de tabuleiro com meus filhos, escritas e estudos para saciar a mente inquieta. Mestrado, doutorado um, doutorado dois, pós-doutorado um, dois, três... estudos e mais estudos, tentando costurar conhecimentos de matrizes políticas com os místicos... parecia uma estrada cheia de caminhos paralelos que se encontravam de fato no infinito.

Em 2021, iniciei minha carreira como docente de Pós-Graduação Stricto Sensu e achei que esse fato acalmaria minha sangria interna, mas não houve acordo por dentro. A paz parecia distante. No ano seguinte, após caminhar durante anos muito solitariamente com meus sintomas, pensamentos, criações e choros, construí um novo sentido para meu trabalho e minha vida. Atuando há anos como psicóloga analista de sonhos, criei um jogo terapêutico, chamado Símbolos do Inconsciente, baseado em fundamentos da Psicologia Analítica ligados ao estudo dos sonhos e que foi validado em pesquisa recente de PósDoutorado em Psicologia Clínica (Franco, 2024). Não por acaso, o jogo veio também a partir de um sonho, em que via os relatos de sonhos de pacientes meus e minhas se tornarem cartas e caírem em uma grande roda com elementos (água, fogo...). Ali começou uma caminhada vigorosa de transformação da minha relação com a espiritualidade.

Em fevereiro de 2023, com quarenta e dois anos de idade, após vinte e cinco anos de relacionamento amoroso com a mesma pessoa, meu parceiro decidiu encerrar o que ele entendeu ser uma “tristeza sem fim”, já que eu chorava ininterruptamente (mesmo trabalhando, produzindo, vivendo, viajando e amando) e a interpretação de parte da “causa”

estava ligada a ele e à nossa relação. Temos dois filhos adolescentes, na época com 11 e 13 anos. Foi algo muito surpreendente para mim. Lutei para tentarmos mais, pedi, mas dentro de cinco meses, estávamos separados.

Foi, claro, uma mistura grande de sentimentos. Eu associava nossa história a algo do destino, da espiritualidade. Até então, eu tinha uma relação com a espiritualidade muito ambígua. Tinha raiva e me sentia no direito de xingar os santos e santas, entidades, deuses e deusas, na mesma medida que me sentia no direito e dever de agradecer. Recordo-me que em um momento de fúria em relação ao passado, eu estava dentro do carro, parada, antes de entrar em algum lugar, e realizava uma sessão longa de xingamento direcionada à espiritualidade. Eu olhava para o alto, como se falasse diretamente com as entidades que moram no céu, por dentro do vidro do carro, com o indicador em riste. Após alguns minutos, percebi que havia do lado de fora uma pessoa que parecia estar em situação de moradora de rua olhando-me fixa e atonitamente, como quem pensa: “Eu que estou vivendo na miséria e ela que fica falando sozinha, xingando o ar?”. A cena realmente parecia incrivelmente bizarra. Durante anos, me diverti com esse meu momento.

As imagens arquetípicas numinosas que traremos a seguir são desse processo recente, pós-divórcio e foram colhidas em madrugadas acordadas e catalogadas pela Clarissa da noite por meio de sessões com o jogo Símbolos do Inconsciente.

6 | IMAGENS ARQUETÍPICAS NUMINOSAS DE UMA MULHER NA METANOIA COM O JOGO SÍMBOLOS DO INCONSCIENTE

O jogo Símbolos do Inconsciente é uma ferramenta terapêutica que tem como objetivo ampliar a consciência sobre um tema de vida. O capítulo quatro deste Livro irá apresentar esta ferramenta com mais profundidade, que também pode ser conhecida em: www.simbolosdoinconsciente.com.br (Franco, 2024). Os fundamentos do jogo são junguianos e envolvem processos como amplificação simbólica, imaginação ativa, conceitos como fases alquímicas, entre outros (Clarissa Franco, 2024). O jogo possui noventa cartas divididas em três tipos: Cartas de Narrativa (relatos de sonhos com autorização para publicação e uso), Cartas de Imagem (de artistas renomados e renomadas em domínio público, algumas produzidas para o jogo pela artista Bia Teixeira, algumas imagens alquímicas e pinturas do pintor suíço Peter Birkhäuser que trabalhou com Carl Gustav Jung, pintando sonhos de pacientes) e Cartas de Zona de Sombra (ligadas a temas recorrentes em pesadelos). As cartas são interpretadas a partir de um roteiro conduzido, baseado em passos de interpretação de sonhos. Os jogos serão apresentados de forma resumida e seletiva, sem as sínteses finais e, com foco nas imagens arquetípicas numinosas do processo da autora em metanoia.

Primeiro jogo pós-divórcio e início da metanoia (Jogo 1): Tema de Vida escolhido (TV): “Por que a história aconteceu dessa forma, com tanta dor? Por que eu

fui tratada assim pela espiritualidade?" Como se pode ver, a pergunta do primeiro jogo pósdivórcio contém elementos de um discurso vitimista.



Carta 1: 7.I: Nabucodonosor, William Blake

História (H): “Havia um homem preso que tinha ficado louco. Ele enlouqueceu por conta da prisão na caverna por anos. Ficou isolado, foi tratado como um animal. Algo do passado foi mal compreendido e a pena foi muito maior do que seria justo. Ele tinha feito algo, mas todos deram as costas e o isolaram. Ele foi ficando magoado, perdido e louco”. **Emoções e Palavras-Chave (EPCH):** “mágoa, loucura, isolamento, solidão, injustiça, desproporcionalidade, prisão, estar perdido”. **Título (T):** “A destruição de uma vida”. Personagens (P): “1) Homem isolado, perdido, louco, se sentindo injustiçado e incompreendido. 2) Pessoas do passado que agiram com injustiça”. **Desfecho pós-história (D):** “Ele conseguiu sair da caverna com ajuda de uma pessoa de fora que entrou na caverna para pesquisar. Ele foi cuidado em um hospital, recebeu apoio, mas demorou para se recuperar”. **Fase Alquímica (FA):** “Coagulatio: preparo para uma nova vida, dar forma ao que se quer, compreender o próprio desejo”. **Símbolo escolhido (S):** “Caverna: distorção da realidade (Mito da Caverna), limitações, prisão, também proteção, segurança, útero”. **Relação da carta com o tema de vida (RTV):** “Acontecimentos do passado entendidos como injustiça. Choros noturnos e pensamentos repetitivos compreendidos como uma forma de “loucura” em consequência do isolamento. Limitações impostas a si mesma, afinal o homem poderia ter saído da caverna pelas próprias pernas”. **Imagens arquetípicas numinosas:** “Caverna: talvez existam outras realidades além da realidade que é percebida no momento”.



Carta 2: 17.I: Puer, de Peter Birkhäuser

História (H): “A menina tinha um segredo. Ela conseguia ir até o céu de noite e ver o sol antes dele aparecer. Ela fazia isso todas as noites. Sabia o que aconteceria no outro dia, porque o sol contava para ela”. **Emoções e Palavras-Chave (EPCH):** “segredo do universo, visão, mistério, compreensão maior das coisas”, **Título (T):** “O movimento de enxergar o que não pode ser visto e pedir cumplicidade do universo”. **Personagens (P):** “1) Menina que quer ver tudo, compreender todos os mistérios e segredos do universo”. 2) Sol: portador dos mistérios do universo”. **Desfecho (D):** “Ficou durante anos fazendo isso. Depois, conseguiu autorização do sol para publicar a história”. **Fase Alquímica (FA):** Sublimatio: “enxergar a partir de outros pontos de vista, mudar a perspectiva”. **Símbolo (S):** “Sol: luz, força, consciência, identidade. **Relação da carta com o tema de vida (RTV):** “Comportamento noturno da Clarissa da noite, que abre tarô e seu jogo em busca de compreensão e cumplicidade do universo”. **Imagens arquetípicas numinosas:** “Sol: consciência, força, lugar de brilho no mundo. Noite: reinterpretação do sintoma da Clarissa da noite: lugar de acessar conhecimentos sensíveis, de tocar o *Anima mundi* (a alma do mundo)”.

Caminhava através de uma floresta sombria ao longo do rio Reno. Chegando a uma pequena colina, na verdade um túmulo, comecei a cavar. Pouco depois, encontrei com grande espanto ossos de animais pré-históricos. Vivamente interessado, compreendi no mesmo instante que devia estudar a natureza, o mundo em que vivemos e todas as coisas que nos cercam. (Relato adaptado de Memórias, sonhos e reflexões, de Carl Gustav Jung).



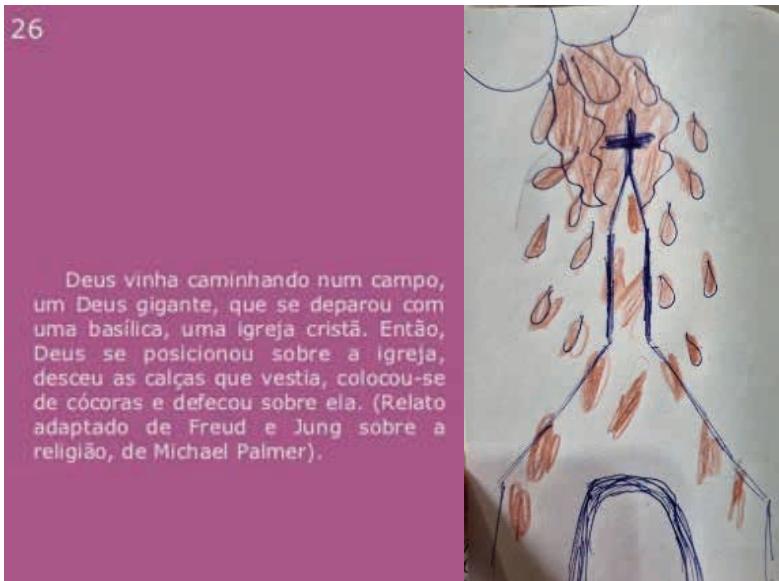
Carta 3: 4.N e Desenho (DS) da autora para a carta

Destaques do Desenho (DS): “profundezas, variedade, conhecimento”. **Emoções e Palavras-Chave (EPCH):** “mortos (passado), estudos, busca por conhecimento”.

Título (T): “Aprofundando a compreensão das coisas”. **Personagens (P):** “1) Eu em exercício de compreensão e aprofundamento das coisas da vida. 2) Ossos de animais pré-históricos: mortos, passado”. **Desfecho (D):** “Eu faço registros das descobertas, continuo estudando e depois publico os achados”. **Fase Alquímica (FA):** Mortificatio: “Aceitar o fim, a vida tem ciclos. O passado são histórias para serem contadas”. **Símbolo (S):** “Ossos: estrutura, aquilo que sobra de uma existência, pode ser a força do passado que persiste, mas pode ser também os resquícios e registros que permanecem como aprendizados”.

Relação da carta com tema de vida (RTV): “O passado pode ser visto como histórias interessantes e curiosas”. **Imagens arquetípicas numinosas:** “Mortificatio: ossos. O que fica é o que vai. O que de fato sobra”.

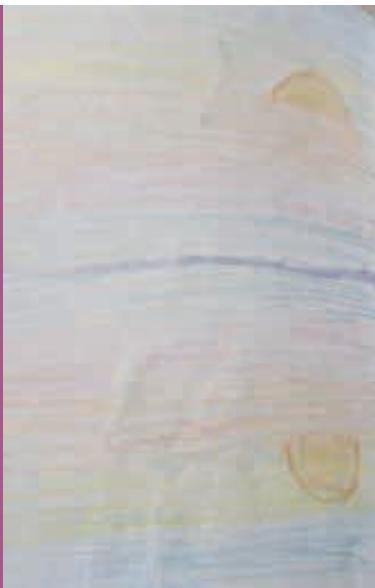
Jogo 2: Tema de Vida (TV): Como curar o pensamento obsessivo relativo a pessoas do passado? Observação: dificuldades com grupos, rivalidade no amor, rejeição, traição, solidão, dor.



Carta 1: 26.N e Desenho (DS) da autora para a carta

Destaques do Desenho (DS): “Merda que vem do alto. Merda sagrada”. **Emoções e Palavras-Chave (EPCH):** “Choro, destino, Deus “cagando” para quem se preocupa com ele, deboche”. **Título (T):** “Espalhando merda”. **Personagens (P):** “1) Deus: o filho da puta que espalha merda. 2) Merda: o que estava ruim se espalhou e tudo foi piorando. 3) Igreja: comunidade que é agredida, o grupo, nós, as pessoas envolvidas”. **Desfecho (D):** “A comunidade se reuniu para limpar a Igreja. A fé não foi abalada”. **Fase Alquímica (FA):** Mortificatio: “Aceitar o fim, os ciclos. As fezes podem virar adubo”. **Símbolo (S):** “Igreja: conectar-me aos locais, valores e pessoas com quem me sinto acolhida. Qual é a minha Igreja?”. **Relação da carta com tema de vida (RTV):** “Parênteses abertos: meu inconsciente foi odiado por mim no momento em que trouxe no Desfecho que a fé não foi abalada. Como não foi abalada diante de um Deus cruel, debochado? A relação é óbvia, entendia que Deus e a espiritualidade cagaram em nossas cabeças”. **Imagens arquetípicas numinosas:** “Deus cruel, debochado, com prazer em espalhar merda em grupos que se preocupam com a espiritualidade. Destino como agente cruel”.

O céu estava muito bonito. Era final da tarde, e uma linha alaranjada estava no horizonte. A cidade, sempre meio cinza, ganhou aquele colorido especial. Eu estava saindo do trabalho e quando passei no corredor do espelho d'água, aquele céu ficou refletido ali na água, como um espelho, mesmo, que duplicava a realidade de cima e de baixo. (Relato adaptado de trabalho clínico).



Carta 2: 25.N e Desenho (DS) feito pela autora para a carta

Destaques do Desenho (DS): “O que está em cima é como o que está embaixo. Princípio hermético. Semelhanças e correspondências entre mental, espiritual, material e emocional. Eu e pessoas do passado temos mais semelhanças do que eu gostaria de admitir. Todas queríamos ser admiradas, amadas e reconhecidas em nossa potência de ser no mundo.”. **Emoções e Palavras-Chave (EPCH):** “Horizonte, olhar, laranja, beleza”. **Título (T):** “O que está em cima é como o que está embaixo”. **Personagens (P):** “1) Céu, Terra e Água: três planos: espiritual, físico e emocional. Falta o mental”. **Desfecho (D):** “Pessoa volta para a casa com a sensação de que está tudo alinhado em seu lugar, em equilíbrio, está tudo bem”. **Fase Alquímica (FA):** Coniunctio: “Agradecer, colher o que importa, a essência da vivência, integrar as experiências boas e ruins”. **Símbolo (S):** “Céu: inspiração, convite para elevar a consciência, buscar sonhos, o sagrado em mim. Há olhos reconhecendo os processos da Terra”. **Relação da carta com tema de vida (RTV):** “Acalmar os pensamentos sobre pessoas do passado. Reconhecer semelhanças, ser capaz de integrar bem e mal”. **Imagens arquetípicas numinosas:** “Céu como fonte de inspiração, elevação de consciência e reconhecimento. Planos integrados, tudo acontecendo em equilíbrio. O que está em cima é como o que está embaixo”.

Jogo 3: Tema de Vida (TV: Como mudar a forma de enxergar o que aconteceu na minha história? Quais imagens o jogo traz para que eu desenvolva meu olhar?

Eu estava em uma cidade da Itália entre as 12 e 13 horas. O sol inundava as ruazinhas. Muitas pessoas vinham em minha direção, e eu sabia que as lojas fechavam para almoço. No meio desse fluxo humano, caminhava um cavaleiro vestido com uma armadura. Subia a colina em direção a mim. Usava um capacete antigo e uma cota de malhas, sobre ela trazia uma veste branca, com uma cruz vermelha tecida no peito e nas costas. Aquilo me impressionou, mas as outras pessoas pareciam não perceber. Tive a impressão de que era completamente invisível para os outros. Eu me interrogava sobre o significado dessa aparição e ouvi, como se alguém respondesse – apesar de não haver ninguém por perto: "Sim, é uma aparição que volta regularmente, sempre entre doze e treze horas, o cavaleiro passa por aqui, há muito tempo e todos sabem disso" (Relato adaptado de Memórias, sonhos e reflexões, de Carl Gustav Jung).



Carta 1: 13.N e Desenho da autora para a carta

Emoções e Palavras-chave (EPCH): “aparição, algo antigo, passado, realidade estranha, horário, repetição, doze, treze, cinco, sol, cruz (sacrifício)”. **Título (T):** “A aparição do passado que sempre se repete”. **Personagens (P):** “1) Cavaleiro ou aparição: fantasma, passado, algo fora de lugar no tempo e espaço, que sempre se repete, como um pensamento obsessivo ou um espírito obsessor. 2) Eu: vendo o que ninguém mais percebe, solitária. 3) Voz que confirma aparição: legitimadora, única testemunha da história é um agente espiritual ou uma força de dentro de mim”. **Desfecho pós-história (D):** “A aparição vai se distanciando e some no horizonte”. Sem **Fase Alquímica (FA). Escolha do Símbolo (S):** número 13: a amplificação trouxe o arcano 13 do tarô: “morte, transformação, aceitação dos ciclos da vida, ‘tem que morrer para germinar’” **Relação da carta com o tema de vida trazido (RTV):** “Para mudar a forma de enxergar o que aconteceu em minha história, preciso entender que a tristeza envolve uma aparição do passado que volta sempre no mesmo horário (no meu caso, nas madrugadas), sendo algo do campo do imaginário. Imaginário não é contrário ao real. É real em mim, apesar da solidão. Mas é preciso ser capaz de aceitar o fim do ciclo para me transformar. Essa aparição que carrega a cruz no peito, símbolo do sacrifício, não tem mais razão de estar”. **Imagens arquetípicas de numinosas:** “1) Aparição ou fantasma: presença de alguma entidade ou agente não humano que sempre reaparece, como um espírito obsessor. Ligada à história do meu passado, aos pensamentos repetitivos. 2) Cruz como sacrifício, remetendo ao sacrifício de Jesus na cruz e a meu próprio sacrifício em relacionamentos”.



Carta 2: 26.I: Baleia, de Bia Teixeira

História (H): “Foi uma surpresa. Duas amigas estavam passeando de barco e uma aparição aconteceu. Uma baleia gigante surgiu de repente. Elas ficaram maravilhadas e ao mesmo tempo com medo, mas isso fez o passeio valer a pena. Pareceu algo como um presente do destino”. **Emoções e palavras-chave (EPCH):** “surpresa, aparição (de novo!), maravilhamento, medo, valeu a pena”. **Título (T):** “O que fez valer a pena”. **Personagens (P):**

“1) Amigas: parceria de vida. 2) Baleia: fenômeno repentino, surpreendente e gigantesco”.

Desfecho pós-história (D): “A baleia voltou para o fundo do mar e as duas passaram um tempo ainda tentando processar tudo que tinha acontecido”. **Fase Alquímica (FA):** Solutio:

“dissolver as mágoas, aceitar o fluxo, misturar minhas dores nas dores do mundo, para poder nascer de novo”. **Símbolo (S):** “Baleia: Jonas, Pinóquio, útero, novo nascimento,

preparação para um novo ciclo”. **Relação da carta com o tema de vida (RTV):** “Observar o que fez a história valer a pena. O fenômeno repentino, gigantesco e surpreendente

(baleia e talvez divórcio?) pode trazer coisas boas. Aceitar o fluxo, prepararse para o novo”.

Imagens arquetípicas numinosas: “Fenômeno surpreendente como presente do destino.

Baleia: fenômeno tremendo e fascinante, renascimento, útero. Reinterpretar significado do divórcio”.



Carta 3: 14.I de Peter Birkhäuser

História (H): “No laboratório, um doutor é surpreendido com um experimento de outros médicos pesquisadores que se soltou da sala de pesquisa. Era um bicho grande, gigante, na verdade. Tentou espantá-lo com um rolo grande de projeto. Foi uma aventura”. **Emoções e Palavras-chave (EPCH):** “surpresa, experimento, pesquisa, algo gigante, aventura”. **Título (T):** “A aventura no laboratório”. **Personagens (P):** “1) Doutor pesquisador que tenta espantar o experimento fujão. 2) Bicho gigante: experimento fujão.”. **Desfecho (D):** “O pesquisador vai acalmando o bicho, enquanto grita por ajuda. Depois, ri do acontecido”. **Fase Alquímica (FA):** Separatio: “analisar, tomar decisões, separar o que fica e o que vai, o que serve e o que não serve”. **Símbolo (S):** “Doutor/a: conhecimento, pesquisa, investigação, estudo, sabedoria, cura”. **Relação da carta com tema de vida (RTV):** “Algo grande sai fora do controle, do âmbito do que é conhecido e controlado. É algo pontual, aprender a ver como uma aventura, rir do acontecido”. **Imagens arquetípicas numinosas:** “Cultivo da sabedoria, principalmente no descontrole. Bicho tremendo e fascinante, mas não traz perigo de fato”.

Jogo 4: Tema de Vida (TV): Quais seriam, então, imagens da sabedoria que devo cultivar nesse momento?

Precisávamos dispor os elementos do pentágono ou octógono para uma apresentação, um esboço dos diferentes aspectos de minha personalidade. Havia octógonos grandes e pequenos, todos com a mesma estrutura em cerâmica. Pareciam chineses, com um desenho geométrico em relevo. A parte em relevo era mais irregular, a reentrância era mais polida. A coisa era muito bela e clássica, à chinesa. Eterna, como só o chinês pode ser. (Relato adaptado de Breve curso sobre sonhos, de Robert Bosnak).



Carta 30.N e Desenho (DS) da autora para a carta

Desenho (DS): “pluralidade, facetas, fases e arquétipos do feminino: 1) criança (ingenuidade, espontaneidade, leveza e pontência de vida), 2) ‘donzela’ (arquétipo ligado à mulher em sua juventude e início da vida adulta, descoberta sexual, beleza, foco no amor romântico e em encontrar seu lugar no mundo), 3) mãe (mulher grávida, capaz de gerar, criar, cuidar, nutrir, independente de ser um/a filho/a ou projetos no mundo, no auge de sua potência), 4) velha (sábia, espiritualizada, recolhida em seu próprio processo, consciente do caminho). **Emoções e Palavras-chave (EPCH):** “Percepção, consciência, organização, escolhas, reconhecimento das várias Clarissas que habitam em mim”. **Título (T):** “Exercício de reconhecimento e preparação para dividir e compartilhar com o mundo”. **Personagens (P):** “Várias Clarissas: Octógonos: infinito, ciclos, poder, espírito e matéria. Pentágonos: mudanças, centro, criatividade, caos, desafios. Responsabilidade com várias facetas”. **Desfecho pós-história (D):** “Organizar uma nova teoria a partir de mim e de meus aspectos”. **Fase Alquímica (FA):** “Separatio: caminhos, consciência, escolhas, analisar, organizar, escolher o que fica e o que vai, participação ativa na construção dos processos. Causa e efeito: responsabilidades”. **Escolha do Símbolo (S):** “Cerâmica: olhar para o feminino e estratégias do feminino (arte em cerâmica, vaso, em que cabem os sonhos)”. **Relação da carta com o tema de vida trazido (RTV) e imagens arquetípicas de numinosas:** “Sabedoria veio pelas imagens do feminino em suas várias idades e arquétipos (criança, mulher ou donzela, mãe e velha)”.

7 | RESPIRO FINAL

Em conclusão, aponto para a grande tarefa que temos em nossas mãos. Há pelo menos uns quarenta anos, discute-se a revisão das posturas epistemológicas tradicionais e dominantes com base nos pressupostos das epistemologias feministas. E seguimos ainda fazendo ciência como se estivéssemos sob o paradigma iluminista do ser racional que evoca neutralidade atrelada à perspectiva de ética em ciência.

Assumir posições e afetos no fazer científico, assumir vozes, erros, medos, dilemas, assumir vulnerabilidades pessoais e conceituais, dificuldades metodológicas, assumir que produzimos realidades e passamos a agir de acordo com essas produções como se elas sempre estivessem estado na vida cotidiana, assumir que o trabalho científico é menos relevante para o mundo do que ele gostaria de ser, assumir que o projeto de modernidade não vigorou e que o critério científico não é superior a outras formas de acesso ao conhecimento, enfim, assumir e modificar muitas lógicas, é o começo de narrativas e conhecimentos mais afinados com vivências e ciências reais e possíveis.

Nosso texto procurou demonstrar articulações entre as epistemologias feministas e a Psicologia Analítica, em especial pelos caminhos da autoetnografia e dos afetos na produção, que visam à integração e integralidade e também à constante transformação e desenvolvimento do ser no mundo e do mundo no ser. Nossa posição vinda das fontes que aqui apresentamos é a de que dicotomias e essencialismos paralisam o caminhar científico, social e pessoal.

Em resumo, as imagens arquetípicas numinosas de uma mulher na metanoia que se apresentaram em meu processo fazem consonância a estas reivindicações apresentadas na fundamentação teórica: 1) “*Mortificatio*, ossos, aparição como pensamentos repetitivos: o passado pode ser visto como histórias interessantes e curiosas, é preciso reconhecer e aceitar o fim dos ciclos, integrando experiências boas e ruins”. 2) Reinterpretar sintomas: “noite pode ser um lugar de acessar conhecimentos sensíveis, de tocar o *Anima mundi* (a alma do mundo) e talvez existam outras realidades além da que é percebida no momento, já que permaneci muito tempo na ‘caverna’”. 3) “Deus e o destino apareceram em algum momento como crueis e debochados, junto com uma ideia de sacrifício (cruz) e peso”, no entanto, 4) Os fenômenos grandiosos de *mysterium tremendum et fascinans*: “baleia, bicho grande no laboratório” trazem perspectivas de renascimento e não de perigo de fato. 5) “As imagens de sabedoria a serem cultivadas envolvem arquétipos femininos (criança, mulher ou donzela, mãe e velha) e estratégias femininas (cerâmica), para assumir com consciência, a força, e meu lugar de brilho no mundo (Sol)”.

Enfim, uma mulher na metanoia, as Clarissas do dia e da noite, encontram-se para celebrar as instabilidades de sua caminhada espiritual. Grata ao escurecer da vida.

REFERÊNCIAS

- BRENNAN, Anne; BREWI, Janice. **Arquétipos junguianos: a espiritualidade na meia-idade.** São Paulo: Madras, 2004.
- DICIO. **Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 27/09/2024.
- FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. **Ecofeminismo e comunidade sustentável.** Rev. Estud. Fem. 23 (01), Jan-Apr 2015.
- FRANCO, Clarissa De. **Livro do Jogo Símbolos do Inconsciente.** São Paulo: Ludens, 2024. Disponível em: www.simbolosdoinconsciente.com.br
- FRANCO, Clarissa De; MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Flor Maranhão). Sagrado não binário. O conceito de psique androgina na reformulação do debate de gênero no sagrado feminino. **Mandrágora**, n. 2, 2019.
- HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), pp. 07-41, 1995.
- HARDING, Sandra. **Science Question in Feminism.** New York. Comell University Press, 1986.
- HILLMAN, James. **Ficções que curam.** Psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. São Paulo: Verus, 2010.
- HOLLIS, James. **A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade.** São Paulo: Paulus, 1995.
- HUSSERL, Edmund. **Ideas.** New York. Humanity Press, 1931.
- JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique.** 10^a ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia.** 16^a ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Cartas. vol. I, II, III.** Editado por Aniela Jaffé em colaboração com Gerhard Adler. Petrópolis: Vozes, 2003
- JUNG, Carl Gustav. **Interpretación Psicológica do Dogma da Trindade.** Petrópolis: Vozes, 1988
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões.** São Paulo: Nova Fronteira, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis: investigación sobre la separación y la unión de los opuestos anímicos en la alquimia.** Madrid: Trotta, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho.** Petrópolis: Vozes, 2009.

- JUNG, Carl Gustav. **Os fundamentos da psicologia analítica.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- JUNG, Carl Gustav. **O Símbolo da Transformação na Missa.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia.** Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião Oriental.** Petrópolis: Vozes, 1980.
- JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó.** Petrópolis: Vozes, 1979.
- KESSLER, Suzanne; MCKENNA, Wendy. **Gender: an ethnometodological approach.** Chicago, University of Chicago Press, 1978.
- LANGTON, Rae. Feminism in epistemology: exclusion and objectification. In Miranda Fricker & Jennifer Hornsby (eds.). **The Cambridge Companion to Feminism in Philosophy.** Cambridge University Press. pp. 127—145, 2000.
- LONGINO, Helen. Can there be a feminist science? In: Wyer, Mary et al (org.). **Women, Science and Technology.** Nova York: Routledge, 2001.
- MAFFÍA, Diana. **Contra las dicotomías: feminismo y epistemología crítica.** Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género. Universidad de Buenos Aires, 2018.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, Método e alcance desta pesquisa. In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MAIER, Michel. **Atalanta Fugiens.** Hyeronymus Galler, 1617.
- MCCANN, Hannah. Epistemología del sujetx. El desafío de la teoría queer a la sociología feminista. **WSQ: Women`s Studies Quarterly.** 44: 3 & 4 (Fall/Winter), 224- 243, 2016.
- NUNES, Aila. **Tornando-se mãe de gêmeas prematuras: uma perspectiva autoetnográfica.** Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal da Bahia, 2021.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** São Leopoldo: Sinodal EST, 2007.
- PORTELA, Bruno de Oliveira Silva. O conceito religião no pensamento de Carl Gustav Jung. **Sacrilegens,** Juiz de Fora, v.10, n.1, p. 46-61, jan-jun/2013.
- SCHINBINGER, Londa. **Has Feminism Changed Science?** Harvard University Press, 2001.
- SEDOR, Milena Kapp. **Uma dissertação feita (quase) até o fim: articulações entre Psicologia Analítica e epistemologias feministas.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Curitiba. Universidade Federal do Paraná, 2024.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STEIN, Murray. **No meio da Vida: Uma Perspectiva Junguiana.** São Paulo: Paulus, 2007.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Psicoterapia.** 2^a ed. São Paulo: Paulus, 2021.